

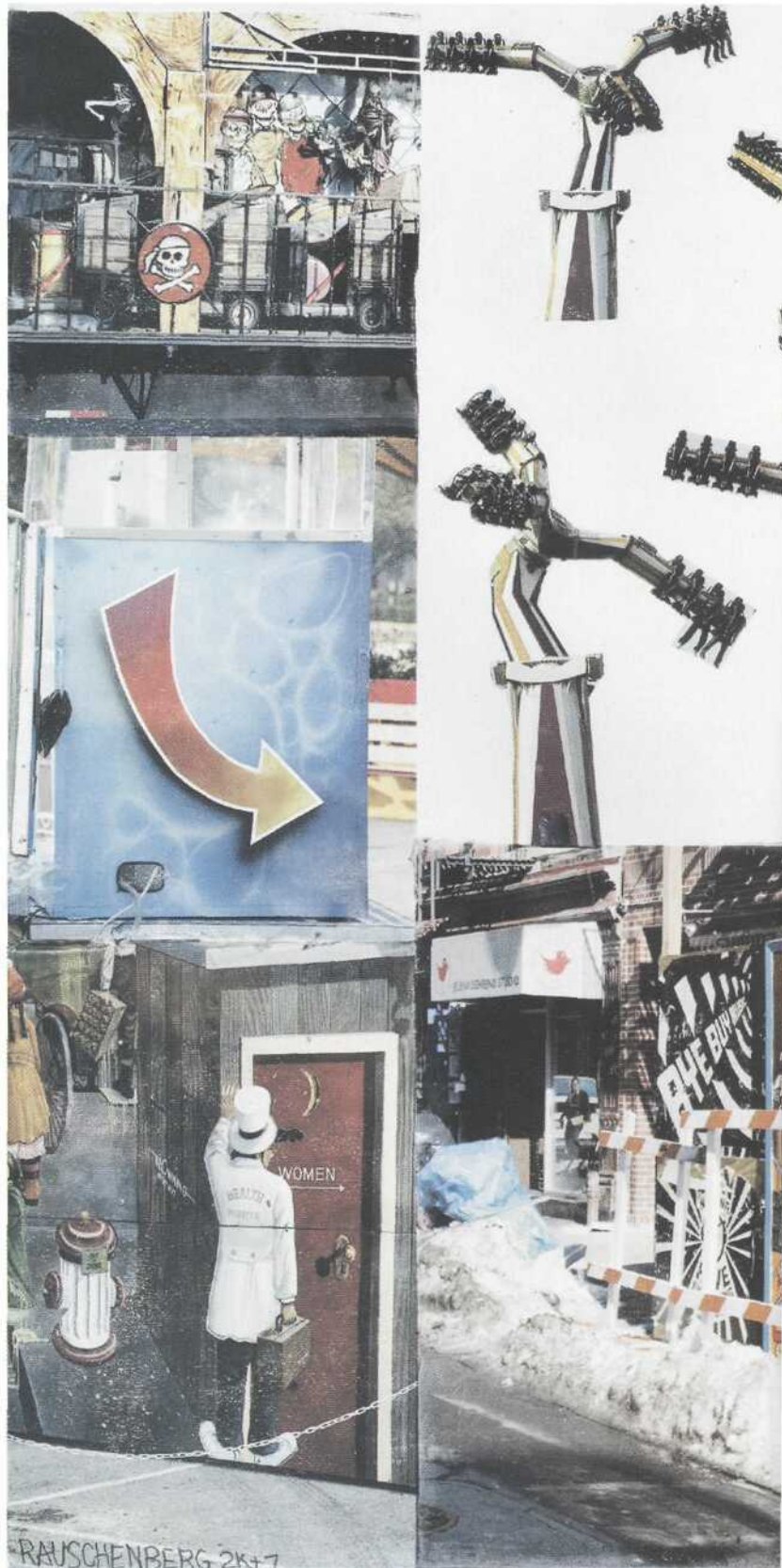
O PAPA DOS POP

Por sua ousadia, o americano **Robert Rauschenberg** foi muito cultuado pelos artistas de sua geração. Ele é tema de uma bela exposição em São Paulo POR MARIO GIOIA

Pergunte ao grande público qual o primeiro nome que vem à mente quando se fala em arte pop e Andy Warhol (1928-1987), certamente, será o mais lembrado. Pergunte aos próprios artistas pop quem era o seu papa e o nome que vai surgir é outro: o do americano Robert Rauschenberg (1925-2008), tema de uma bela exposição que abre neste mês no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo. Jasper Johns, conhecido por ter transformado em arte a imagem da bandeira dos Estados Unidos, aponta Rauschenberg como o mais criativo dos artistas americanos de sua geração. Willem De Kooning (1904-1997), durante muito tempo o pop mais cultuado pelos artistas jovens, foi mais longe ainda em sua homenagem a Rauschenberg. Autorizou o artista a apagar um de seus desenhos, no que seria um gesto artístico. *Erased De Kooning Drawing* (Desenho de De Kooning Apagado), de 1953, virou referência nos anos 50.

E o que faz de Rauschenberg um artista cultuado por seus pares? Ele é um dos pioneiros em pelo menos três procedimentos definidores da arte pop: o uso do dia a dia como matéria-prima, a referência a imagens produzidas em larga escala pela indústria cultural e a incorporação da palavra ao repertório das artes plásticas (veja obras ao longo desta reportagem). Essas posturas estão na mostra em São Paulo, que reúne 99 peças realizadas em sua trajetória: 76 delas gravuras e o restante *assemblages* (colagens feitas com os mais variados materiais). Rauschenberg fez também pinturas, fotografias e performances, sem necessariamente respeitar as fronteiras entre cada uma das técnicas.

Pode-se dizer que o artista foi radical ainda por seguir, de maneira bastante pessoal, os ensinamentos de um antecessor ilustre. "Ele é tão importante para a arte contemporânea por ter levado às últimas consequên-





COMUNICAÇÃO DE MASSA E ARTE

Rauschenberg, assim como seus pares de pop arte, enxergou um potencial artístico em linguagens consideradas anteriormente "menores", como a história em quadrinhos e os signos de comunicação urbanos. A tela *Buffalo 2*, de 1964, por exemplo, traz imagens tiradas de páginas de revistas de dois casais presidenciais na Casa Branca: John F. Kennedy e Jacqueline, e Richard Nixon e Pat.

O artista também se envolveu em trabalhos para o grande público. Em 1984, ganhou um Grammy pelo projeto gráfico do disco *Speaking in Tongues*, lançado pela banda nova-iorquina Talking Heads no ano anterior. Em 1986, pintou um carro modelo BMW especialmente para a montadora.

Cena Rodopiante - Moleques, de 2007. Rauschenberg criava a partir da influência da indústria cultural

cias as experimentações de Mareei Duchamp (1887-1968), o precursor do dadaísmo", diz o crítico e curador Nelson Aguilar. "Duchamp era um fidalgo, tinha um certo ar aristocrático. Rauschenberg, não. Era do povo e, por isso, conseguiu dar ao lixo o status de arte", completa Aguilar - que, em 1994, organizou uma sala para o artista pop, durante a 22ª Bienal de São Paulo. Ele se refere ao fato de o texano tomar como matéria-prima materiais descartados pela sociedade, incluindo embalagens de produtos e pneus velhos. "De certa forma, Rauschenberg torna viável o que Duchamp elaborou. John Cage, Merce Cunningham e Jasper Johns viraram outros artistas depois que o conheceram."

Criador de vanguarda, Rauschenberg foi um dos primeiros a explorar a idéia de que arte e vida não deveriam andar tão separadas. Suas combine paintings (algo como "pinturas combinadas"), como chamou os trabalhos, usavam toda a sorte de produtos encontrados por ele ao acaso, de garrafas de Coca-Cola a pássaros empalhados. A partir de 1962, ele explorou ainda a técnica de serigrafia para imprimir fotos em grandes telas. Em 1964, depois de ganhar o prêmio de pintura da Bie-

nal de Veneza, Rauschenberg já era um nome consagrado nas mais fechadas rodas internacionais.

O artista adorava o Brasil, país que visitou muitas vezes. Além da edição de 1994 da Bienal, com curadoria de Aguilar, ele havia estado por aqui nas edições de 1959 e 1967, e posteriormente ainda teve peças exibidas na 24ª edição do evento, em 1998. "Ele sempre foi grato à projeção internacional que ganhou aqui. Estava comandando toda a idealização dessa mostra, viria para cá, mas acabou morrendo antes", conta o diretor do Instituto Tomie Ohtake, Ricardo Ohtake, que prepara a individual desde 2007. Mesmo com a participação destacada de Rauschenberg em bienais, esta é provavelmente sua mostra mais importante no país.

MARIO GIOIA é jornalista e crítico de arte.

ONDE E QUANDO

Robert Rauschenberg. Instituto Tomie Ohtake (rua Coropés, 88, São Paulo, SP, tel. 0++/11/2245-1900). De 15/12 a 21/2/2010. De 3ª a dom., das 11h às 20h. Grátis.



VEJA uma galeria com obras da mostra em www.revistabravo.com.br

DIA A DIA COMO MATÉRIA-PRIMA

Rauschenberg foi um mestre em criar obras com elementos sem nenhuma ligação aparente. Já em 1952, começa a fazer suas *combine paintings* (algo como pinturas combinadas), como chamava as colagens formadas por qualquer coisa que encontrava.

O compositor americano John Cage (1912-1992), um de seus parceiros constantes - da turma do Black Mountain College, escola de arte onde eles tinham o alemão Josef Albers (1888-1976) como professor, dizia: "Sua produção não é uma composição. É um lugar onde as coisas estão".

Essa apresentação da obra de arte como algo que se encontra no

dia a dia ecoa em toda a produção contemporânea da segunda metade do século 20. "Como sou um artista pós-pop arte, a utilização de materiais não tradicionais é decisiva na minha obra, e nisso Rauschenberg é um modelo", diz o paulista no radicado em Berlim Alex Fleming (atualmente ele exibe uma instalação com globos terrestres e toca-discos na Pinacoteca do Estado de São Paulo). "A apropriação de objetos cotidianos aproxima a arte da vida, e isso é fundamental."

Glut - Não-Negociável, de 1992. Uma mala e uma placa viram arte nas mãos de Rauschenberg





Sons de Rua, de 1992.
A forma como
Rauschenberg
combinava
imagens e palavras
influenciou gerações

POESIA VISUAL

Em obras dos anos 70 - como os *Hoarfrosts* (Geadas), em que notícias e fotografias da imprensa diária dos Estados Unidos são impressas em tecidos nobres, por meio de técnicas de serigrafia, Rauschenberg conjuga habilmente palavra e imagem. Para a artista pau-

listana Lenora de Barros, o americano criava "poesias visuais". "Esses trabalhos de Rauschenberg não têm a ver só com o caráter reprodutível da palavra. É uma relação que cria uma obra única, uma poética singular", avalia Lenora. "Acho que para artistas da cena

contemporânea como eu o dadaísmo, a pop arte que incluem a decisiva participação de Rauschenberg, o Fluxus e a poesia concreta brasileira deram base para que pudéssemos realizar trabalhos nessa vertente. Suas experiências nos deram lastro."